

# Pouco a comemorar

VICENTE NUNES  
ENVIADO ESPECIAL

**C**ampos do Jordão – O governo já preparou os rojões para comemorar os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre, que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgará na próxima terça-feira. Os números preliminares que circulam entre as mesas do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e do presidente Luiz Inácio Lula da Silva indicam um crescimento de 1,2% em relação aos três primeiros meses do ano, quando a expansão ficou em péfio 0,3%. Anualizada, a taxa mostra que o Brasil voltou a crescer a um ritmo entre 4% e 4,5%. Para o governo, é a melhor notícia que poderia surgir num momento em que todas as atenções estão voltadas para o lamaçal político que atormenta o país.

Quem acompanha o dia-a-dia da economia sabe, porém, que a alegria do governo vai durar pouco. A força demonstrada pela economia entre abril e junho não se sustentou. Para o período de julho a setembro a projeção mais otimista aponta para crescimento de apenas 0,5%, taxa que deve se repetir no último trimestre do ano. Para desmontar o palanque de comemorações do governo, os economistas recorreram ao que eles chamam de indicadores antecedentes: as vendas de automóveis, o consumo de energia

elétrica e de papel e papelão. Todos mostram que o ritmo de expansão da economia está muito aquém do desejado. É por isso que todas as estimativas apontam para um aumento de, no máximo, 3,5% para o PIB deste ano.

Os economistas têm outra notícia ainda pior para o governo. Mesmo que, na melhor das hipóteses, o resultado do PIB surpreenda e feche dezembro em 4%, o Brasil ficará muito, mas muito atrás do crescimento registrado pela média dos países emergentes, como Rússia, China e Índia, estimada em 6,2%. “No ano passado, mesmo tendo apresentado um bom desempenho, com incremento de 4,9%, o Brasil já ficou atrás de seus parceiros. Neste ano e no próximo, a diferença será muito maior. É possível dizer que os países em desenvolvimento crescerão duas vezes mais rápido que o Brasil”, avisa o economista-chefe do banco americano Goldman Sachs, Paulo Leme.

## Decepção geral

A dificuldade do Brasil em acompanhar o desempenho das demais economias emergentes é motivo de decepção geral. “Estamos perdendo uma oportunidade histórica. Há pelo menos 30 anos o mundo não conjugava fatores tão positivos no quadro econômico, e não estamos sabendo tirar proveito desse quadro”, diz o economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central. No seu entender,

o Brasil foi travado por uma taxa de juros absurdamente alta e, agora, vê naufragarem todas as chances de se aprovar reformas que garantiria o desenvolvimento sustentado, por causa da grave crise política que paralisou o Congresso.

Sérgio Werlang, diretor-executivo do Itaú e ex-diretor de Política Econômica do Banco Central, é da mesma opinião. Para justificar seu desânimo, ele fez um minucioso estudo sobre os entraves à economia brasileira, que causou espanto no II Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro. A seu ver, o governo não está preocupado em fixar regras firmes e claras para o direito da propriedade privada e do estado de direito. “Sem esse tipo de garantia, fica difícil ampliar os investimentos, pois os empresários precisam ter a certeza do retorno de seus negócios” assina. “Mas sem investimentos, não há como se falar em

crescimento de longo prazo.”

Outro entrave, segundo Werlang, é a ineficiência do Poder Judiciário. “No Brasil, 73% dos juízes concordam que a busca de justiça social justifica decisões que violem contratos. Com isso, o sistema financeiro fica arredio em liberar crédito e, quando o fazem, as taxas são altíssimas para cobrir os riscos de perdas, resultando no chamado *spread* bancário”, afirma. Ele destaca ainda a fragilidade das agências reguladoras, a ineficiência dos órgãos de defesa da concorrência e o desmonte da infra-estrutura do país, que encarece os fretes e a mão-de-obra. “Poderia ficar horas discorrendo sobre esses en-

traves, que, infelizmente, se perderam em meio aos debates de curto prazo e da gravidade da crise política”, frisa.

## Lado bom

Na avaliação do diretor-presidente do banco Banif-Primus, Paulo Pinho, apesar do crescimento medíocre esperado para este ano – há analistas de mercado falando em até 1,5% no segundo trimestre –, são boas perspectivas para o ano que vem, diante da esperada queda das taxas de juros, que deve se iniciar no mês que vem, e do controle da inflação. “Nesse cenário de estabilidade, fica mais fácil planejar os investimentos. O problema maior agora é a crise políti-

ca. Caso ela se estenda por um período muito longo, certamente o empresariado vai se retrair, mesmo que os indicadores econômicos continuem positivos”, destaca.

Edgar da Silva Ramos, presidente da Corretora Ágora Senior, acredita que, apesar de todos os estragos, o Brasil pode tirar proveito da crise para avançar nas questões econômicas e ampliar a capacidade de crescimento do país sem os altos e baixos do passado. “Sairemos das turbulências com instituições mais fortes e a consolidação da estabilidade econômica, um bem precioso do qual a sociedade já demonstrou que não abre mão, seja quem for o comandante do Ministério da Fazenda”, ressalta. Para ele, no entanto, o ideal seria que a chefia da economia continuasse nas mãos de Antonio Palocci. “Seria um trauma a menos em meio a tantos que já atormentam o mercado.”



## PRODUTO INTERNO BRUTO

Variação do PIB em relação ao período anterior

